

ATRAVÉS DA JANELA: A EPIFANIA NA POESIA DE WALMIR AYALA

Yasmin Amorim Viana de Castro¹

Introdução

Walmir Félix Solano Ayala foi poeta, ensaísta, romancista, crítico de literatura e arte nascido em 4 de janeiro de 1933, na cidade de Porto Alegre². Desde a infância, o autor sempre possuiu interesse em escrever e, segundo ele próprio, a morte de sua mãe, quando ele tinha apenas 4 anos, desencadeou a escrita de poemas:

Comecei a fazer poemas muito cedo, como compensação do diálogo interrompido com as pessoas que me rodeavam. A morte de minha mãe na primeira infância foi a raiz de tudo. Acho que foi pela oração que cheguei à poesia, contrição solitária que me impediram de cair no poço para sempre (AYALA, documento.28, p. 4-5, *apud* PAIXÃO, 2011, p. 32-33).

Após a morte da mãe, Ayala passa a viver com o pai e a madrasta e a desenvolver cada vez mais seu interesse literário: ele participou do grêmio literário no colégio e aos 9 anos escreveu e montou uma edição datilografada de seu próprio livro de poesias. Ingressou na faculdade de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) a qual abandona sem concluir o curso e, em 1955, Ayala publica seu primeiro livro, *Face dispersa* em uma edição financiada por seu pai, que não o apoiava em seguir carreira como escritor, acreditando que, com o fracasso do livro, seu filho desistiria de escrever (FORTUNA, 2018, p. 82). Contudo, no ano seguinte Ayala se muda para o Rio de Janeiro onde passa a atuar em vários veículos de imprensa como crítico literário e de arte. Já no Rio, em 1957, Walmir Ayala publica o livro de poesias *Êste sorrir, a morte*, que, segundo Roseane Cristina da Paixão (2011, p. 40), juntamente com *Face dispersa*, acabam por abrir portas para que Ayala ganhasse espaço na elite cultural carioca e, após tais publicações, o autor produziu mais de cem obras dos mais diversos gêneros como teatro, literatura infantil, romance, poesia e ensaios de crítica literária e de artes.

¹ Aluna do curso de graduação em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia(UFU), foi orientada pelo professor Dr. Fábio Figueiredo Camargo na confecção deste artigo científico como requisito da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

² WALMIR Ayala. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa66/walmir-ayala>. Acesso em: 26 de outubro de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Segundo Luis Alberto dos Santos Paz Filho (2021, p. 567-568), a obra de Ayala alcançou diversos prêmios como o concurso de poesia Gonçalves Dias (1956); o prêmio de Poesia (1967), concedido pela Fundação do Distrito Federal Protesto Contra a Censura pelo seu livro *Cantata* de 1966; Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (1972); Prêmio Nacional de Ficção do Instituto Nacional do Livro (1973); Prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira(1982); dentre outros. Além disso, em 1987, Walmir Ayala foi homenageado pela Escola de Samba Portela, do Rio de Janeiro, que desfilou com um samba-enredo inspirado no seu livro *A pomba da paz* (1974).

Devido a seu trabalho como crítico literário, Ayala viajou para vários países como Chile, Paraguai, Estados Unidos, Alemanha e Japão além de possuir contatos com as mais diversas áreas de produção cultural (PAIXÃO, 2011, p. 42). Ayala faleceu em 28 de agosto de 1991, com 58 anos, na cidade do Rio de Janeiro deixando para todos uma vasta e variada obra, incluindo até mesmo um trabalho com traduções de obras estrangeiras.

Existem alguns trabalhos de pesquisadores sobre a obra de Walmir Ayala, como o estudo realizado por Paulo Eduardo Pereira Lima sobre o romance homoerótico *Um animal de Deus* (1967) em que é analisado como o autor desenvolve a relação entre religiosidade e sexualidade, especificamente o homoerotismo, que são, aparentemente, díspares mas construídas de forma intrínseca por Ayala, além disso o romance evidencia como a sexualidade não pode ser descartada para compreender o ser humano e as relações sociais (LIMA, 2020, p. 29). Já no que diz respeito aos diários produzidos por Ayala, existe também um trabalho relevante desenvolvido por Roseane Cristina da Paixão, a respeito da ficção e memória nos diários de Walmir Ayala e de Lucio Cardoso, em que ela entrecruza a análise crítica dos diários com as cartas trocadas por ambos os autores como forma de entender a relação de amizade deles na vida e na obra, além de aspectos do fazer literário, da sociedade e cultura as quais eles se inseriam.

Mesmo tendo seu talento reconhecido no início de carreira, devido à sua escrita densa Ayala é, na maioria das vezes, deixado à margem da literatura brasileira, tendo sua produção literária pouco explorada diante da grandiosidade de sua contribuição (PAIXÃO, 2011, p. 16-17). Dentre os mais variados gêneros literários produzidos por Walmir Ayala, sua poesia, gênero que além de lhe render prêmios o acompanhou desde a infância e na sua estreia no cenário literário, ainda é pouquíssimo estudada, possibilitando, então, muitas oportunidades de análise dos mais diversos aspectos da mesma. Analisando a poesia de Ayala, existem alguns poucos trabalhos como o de Luís Carlos S. Branco que analisa o deus carnal na poesia e no romance de Walmir Ayala; e Luís Alberto dos Santos Paz Filho que possui trabalhos

envolvendo a poesia de Ayala nos livros *A Pedra iluminada* (1976) e *Águas como espadas* (1983).

Nesse contexto, este artigo analisa a poesia, ainda pouco explorada, de Walmir Ayala contribuindo para a valorização de sua obra literária; dentre os múltiplos aspectos de sua poesia foi escolhido para ser explorado o conceito de epifania em sua obra, tal estudo nunca foi realizado anteriormente, como também não encontramos trabalhos de fôlego, sobre a obra selecionada. Desse modo, objetiva-se analisar o conceito de epifania nos poemas de *Este sorrir, a morte*, de Walmir Ayala. O trabalho foi realizado tendo como base a teoria Estilística, através da pesquisa e análise bibliográfica, buscou-se traçar um campo semântico para o conceito escolhido, de forma a alcançar uma melhor compreensão da forma como a epifania ocorre na poesia de Ayala.

Um panorama sobre a epifania e a análise estilística

O estudo da obra do poeta Walmir Ayala se mostra como um grande desafio devido à escassez de materiais em torno da obra do autor, o que apenas evidencia a desvalorização de alguns autores em detrimento de outros por parte dos estudiosos. Contudo, justamente por esse motivo, faz-se essencial este trabalho como uma forma de enaltecer e preservar a obra de Ayala, e para que sirva de referência e incentivo para futuros estudos sobre sua obra. Entendendo também a necessidade da valorização da poesia como um todo, o recorte escolhido para análise são as poesias do livro *Este sorrir, a morte* (1957). Partindo do conceito de epifania para analisar os poemas, apresenta-se também uma abordagem inédita que se mostra pertinente para entender como funciona esta ideia na construção de sua poesia. Assim, é preciso, primeiramente, discorrer mais sobre o que seria a epifania.

O termo epifania possui origem grega vinda de “epiphaneia” que significa manifestação e revelação; e origem latina de “epiphania” que significa aparição. Este vocábulo sempre possuiu uma relação estreita com a religiosidade. Segundo Miguel Cardoso (2009) em sua definição para o verbete epifania no *E- Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia, antes do surgimento do Cristianismo o termo se referia às manifestações dos deuses e no âmbito cristão passou a se referir aos festejos do dia 6 de janeiro, o Dia de Reis. Os textos bíblicos mostram que, nesta data, após o nascimento de Jesus Cristo ele se revela aos gentios que, na figura dos Reis Magos do Oriente, vão ao seu encontro através da sua irrupção sob a forma de uma estrela.

Depois de ouvirem o rei, eles seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no Oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino.

Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo.

Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ouro, incenso e mirra.

E, tendo sido advertidos em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram a sua terra por outro caminho (BÍBLIA, 2010, p.1202).

Este acontecimento demonstra como através de um elemento cotidiano, a estrela, ocorre a manifestação de Deus diante dos homens pela figura de Jesus, causando-lhes júbilo. Já no âmbito da filosofia, conforme Cardoso (2009), Tomás de Aquino apresenta em sua definição de beleza o que seria a epifania, em que um objeto possui uma relação análoga à sua beleza transcendental e, através de uma síntese lógica do ser humano, ocorre um momento de iluminação. Todavia, a noção de epifania transcendeu os limites religiosos ou filosóficos e foi incorporada à literatura como a ideia de êxtase diante de algo, de elevação. Conforme expõe Massaud Moisés (2004, p. 156), essa transição do termo para o âmbito literário ocorre graças a James Joyce que o utiliza, inicialmente, nas páginas que restaram de sua obra *Stephen Hero* que deram origem ao romance *Retrato do artista quando jovem* (1916), e novamente nos contos reunidos na obra *Dublinenses* (1914). A noção joyceana de epifania é largamente conhecida como uma assimilação intuitiva da realidade por meio de algo simples, causando revelações inesperadas, ela é definida no seguinte trecho de *Stephen Hero*:

Por epifania entendia uma súbita manifestação espiritual, tanto na vulgaridade de fala ou do gesto, quanto numa frase memorável da própria mente. Acreditava ser função do homem de letras registrar essas epifanias com extremo cuidado, visto serem elas os momentos mais delicados e evanescentes (JOYCE, 1944. p. 18 *apud* MOISÉS, 2002, p. 156)

Conforme Olga de Sá (1979, p. 136-137), para construir sua noção de epifania, James Joyce parte dos três requisitos do belo para Tomás de Aquino, que esse traduz como integridade, harmonia e radiância; a integridade é o processo de enxergar o objeto como um todo, em sua delimitação espacial, a harmonia é a percepção da estrutura que compõe o objeto e a radiância é o momento que, após a ocorrência dos dois primeiros processos, a quiddidade do objeto se desprende do mesmo e se revela àquele que o observa. Esta espécie de momento

mágico que leva a uma percepção da natureza ou do significado essencial de alguma coisa é a epifania e, segundo Sá (1979, p. 133), da mesma forma que na epifania religiosa Deus se expressa através de tal momento, na epifania literária aquele que porta a palavra está sempre no centro da manifestação divina, dessa forma, o termo foi deslocado para o contexto de criação poética. Para Joyce, este “homem das letras”, diante de tantos objetos triviais, precisa ter o olhar sensível ao que está ao seu redor, pois o que faz com que um determinado objeto tenha sua essência projetada para a direção daquele que o observa seria o papel ativo da mente humana que faz com que um objeto seja retirado de sua banalidade, é o que ele chama de “olho espiritual” (CARDOSO, 2009). No texto literário em si, James Joyce edifica a epifania na própria palavra, este trabalho com o vocábulo é destacado por Haroldo de Campos “Joyce é levado à microscopia pela macroscopia, enfatizando o detalhe panorama/panorama a ponto de conter todo um cosmos metafórico numa só palavra” (CAMPOS, 1975, p.31).

Por se tratar de um conceito que migrou para o literário, a epifania se manifesta através de vários correspondentes:

O termo epifania é trabalhado por muitos críticos e estudiosos, só que eles utilizam outros sinônimos como: quidditas (São Tomás de Aquino), alumbramento (Manuel Bandeira e Davi Arrigucci), instante (instante-já de Clarice Lispector), um instante e jamais e a consagração do instante (de Octavio Paz) e a sacralização do instante (de Davi Arrigucci) e ainda bliss (de Gisela Campos) (PAULA, 2004, p. 155).

No Brasil, alguns autores utilizaram de epifania em seus textos como Clarice Lispector, Adélia Prado, Jorge de Lima, Murilo Mendes, dentre outros. Clarice Lispector, por exemplo, não utilizou do termo epifania, mas, segundo Olga de Sá (1979, p. 160), a ideia desta está presente em sua obra e, diferentemente de Joyce, a autora não usa do trabalho com o vocábulo em específico para construir o conceito, ela segue seu próprio caminho tendo a epifania como um instrumento de expressão, um instante que transforma o banal tanto no belo quanto no nauseante. Já Adélia Prado utiliza de uma epifania que relaciona sagrado com profano, através de um trabalho artesanal com o vocábulo, assim a iluminação ocorre através do emprego de recursos de estilo, conforme explica Maria do Carmo Lara de Paula (2004, p. 161). Diante da frequência e importância tomada pelo conceito de epifania na literatura, é que se fazem necessários estudos na área. Existem alguns trabalhos com o tema envolvendo tais autores, contudo, no que compreende a literatura brasileira até o século XX, ainda são escassos, e pouco se sabe de como os autores do período enxergavam o conceito de epifania e como o expressavam em seus textos.

Assim, para identificar como ocorre a epifania nas obras de Walmir Ayala, optou-se pelo uso da teoria estilística como base para as análises que serão feitas das poesias selecionadas. A estilística é definida como uma área de estudo que se ocupa dos efeitos produzidos pela linguagem que se dá em um certo contexto e com um certo fim, isso ocorre através de uma “análise linguística do texto literário, procurando as marcas específicas (figuras de estilo ou estruturas sintáticas, por exemplo) que ajudam a diferenciar um texto de outro, o que pode permitir determinar o modo particular de um dado escritor se exprimir literariamente” (CEIA, 2009). Acredita-se que, com essa abordagem, fique mais evidente de que forma Ayala, a partir de seu estilo, trabalhou com o conceito de epifania em sua poesia, além disso o autor teve muito contato com as mais diversas formas de arte, por isso julga-se que o estudo da construção do signo poético de epifania seja relevante.

Diante desses aspectos de sua vida pessoal e profissional, admitiu-se, neste estudo, a possibilidade da existência de campo semântico em que a epifania se faz na poesia de Ayala. Tal ideia ganha maior confiança tendo a estilística como teoria base, para demonstrar isso se destaca o trecho do texto *Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária*, de Dámaso Alonso, apresentada no livro *Teoria da Literatura em Suas Fontes*, organizado por Luiz Costa Lima:

[...] a natureza física e o mundo moral oferecem constantemente ao poeta séries de fenômenos semelhantes entre si, nos quais existe um princípio formal (a própria semelhança) que seduz a imaginação, e mesmo esta procurará imagens múltiplas semelhantes para expressar as realidades imediatas. Assim, o trabalho da ordenação dos conjuntos semelhantes se apresentou ao escritor em várias ocasiões na história da Humanidade [...] E que a poesia é um complexo dos materiais mais distintos, físicos e espirituais. (ALONSO, 2002, p. 336)

Tendo como base essa ideia de que a busca por conjuntos semelhantes está presente na poesia, como expressão da imaginação, Alonso expõe as possibilidades de ordenação de tais conjuntos que se dariam pela correlação, pelo paralelismo ou pelo hibridismo de ambos. A correlação seria uma ordenação da semelhança existente entre as categorias genéricas das palavras de uma mesma linha e o paralelismo é a ordenação das palavras em sucessão em uma coluna (ALONSO, 2002, p.332). Partindo de tal possibilidade de análise estilística, acredita-se na existência de imagens e palavras que possam ser atribuídas ao conceito de epifania, formando um conjunto, e a análise dos poemas objetiva encontrar qual seria esse provável padrão, de que forma ele foi ordenado e como ele se repete nos poemas de Ayala. Cabe destacar também que tal estudo não deve ser apenas uma análise do nível semântico, pois, conforme Norma Goldstein (1991, p. 66-67), uma melhor análise semântica deve estar

associada aos outros níveis do poema, sintático e lexical, tentando obter todos os tipos de paralelos possíveis que se relacionem ao conjunto do poema como uma unidade.

Ademais, na busca por uma análise mais lúcida, compartilha-se também da conclusão de Leo Spitzer em sua análise de “Ode sobre uma urna grega”, poema de John Keats. Nesta, Spitzer (2002, p. 367-368) coloca que pensamento e imagem são uma coisa só, então, a imagem não teria vida própria e seria subordinada às ideias. Assim, é possível perceber a importância de tentar entender qual seria a ideia de epifania para esse eu lírico que se expressa através das imagens poéticas. Tais imagens são o ponto de partida para a investigação, devido à noção da busca de conjuntos semelhantes, e este entendimento final do conceito de epifania para Ayala é subjetivo, na medida em que a matéria da palavra se faz dentro do organismo humano em ondas movidas pelo poder de significar, conforme afirma Alfredo Bosi (1977, p. 48), por essa razão a experiência pessoal de Ayala pode influenciar nesse conceito.

Dessa forma, ocorreu a busca por uma ordenação no que diz respeito à epifania que pode ser ligada tanto à religiosidade, quanto ao transcendental. Lembrando que em ambas há uma conversão para a ideia de uma irrupção, de algo que vem do interior humano para fora, seja para o alto, seja para o baixo, mas essa invasão súbita tem a capacidade de transformar o eu lírico de alguma maneira. A seguir são descritos quais métodos foram usados para o estudo e será feita a análise dos poemas selecionados.

Um olhar pela janela: “a superposição de olhos aos meus olhos para a visão”

Para desenvolver esta pesquisa, foi realizada uma leitura e análise do material teórico sobre o tema e da obra escolhida para estudo, o livro *Este sorrir, a morte*, a análise ocorreu com vista a permitir traçar um estilo de Ayala, no que diz respeito à epifania. Inicialmente, entende-se que é possível identificar o conceito de epifania na poesia de Waldir Ayala, pois, tendo o tema da religião e da vida social sempre presente em sua obra (LIMA, 2020, p.8), é natural que se admita a existência de possíveis traços epifânicos, afinal, estes se fazem presentes tanto em contexto religioso quanto em uma situação mundana. Além disso, em seu livro, Ayala usa de terminologias conceitualmente relacionadas por teóricos e poetas à epifania, tais como: milagre, contemplação e clímax.

Dos 27 poemas que compõem a obra *Este sorrir, a morte*, é possível perceber a presença latente da epifania em 7 poemas (cerca de 26% do livro) que foram selecionados para esta análise. Nesses poemas há uma certa repetição de imagens poéticas que, no contexto do poema, são ligadas ao conceito de epifania pelo caráter de causar a elevação diante de algo,

este aspecto genérico levou à realização da ordenação de imagens por meio de um processo de correlação. Esta apuração realizada foi sistematizada na seguinte tabela:

Tabela 01: Apuração das imagens poéticas ligadas à epifania nos poemas do livro *Este sorrir, a morte* de Walmir Ayala

POEMA	IMAGEM								
	“O túnel”	escuridão	vazio	limpo	morte	sarcófago	sol	fruto maduro	
“Numa rosa”	rosa	bronze	sol	lápide	morte	semente	olhos	silêncio	
“Noite em santa Teresa”	noite	escuridão	silêncio	ausência	mito	espelho	olhos		
“A pena”	pena	papel	rosa	criança	milagre	solidão			
“Execução”	clarim	anjo	noite	ausência	clímax	olhos	claridade		
“Janela”	olhos	altitude	anjo	morte	silêncio	abismo	alma	cais	contemplação
“A volta”	morte	retorno							

A partir dessa apuração, foram destacadas quais são as imagens mais frequentes nos poemas:

Tabela 02: Frequência das imagens poéticas ligadas à epifania nos poemas do livro *Este sorrir, a morte* de Walmir Ayala

IMAGEM	FREQUÊNCIA
morte	4
olhos	4
silêncio	3
noite	2
escuridão	2
sol	2
rosa	2
ausência	2
anjo	2

Destaca-se que as imagens que constam na segunda tabela são apenas aquelas que tiveram alguma repetição em mais de um poema. Assim, percebe-se que a imagem da morte é uma das mais frequentes, sendo esta o tema principal do livro, como o próprio nome deste aponta. Além da morte, os olhos têm participação frequente nos poemas de Ayala, o que vai ao encontro do pensamento de James Joyce já exposto, que ressalta a importância do olhar sensível para que a epifania aconteça. Há também a imagem do silêncio presente nos poemas, que reforça o pensamento de Pitágoras destacado por Spitzer “[...] o que nós experimentamos como silêncio pode ser nada menos do que aquela harmonia verdadeiramente celestial” (2002, p.353), portanto, a ausência de ruídos pode levar a uma condição de paz que, complementando a ideia de Pitágoras, pode ser verdadeiramente epifânica.

Ainda há uma frequência da imagem da ausência que, pela sua propriedade da falta, completa-se com as imagens da noite e da escuridão. Um momento de escuridão como a passagem por um túnel, exposta no poema “O túnel”, ou até mesmo a noite trazem reflexões ao eu lírico, levando-o ao momento de uma possível epifania. Um exemplo da forma como essa escuridão pode construir um processo epifânico é o poema “Execução”, em que o eu lírico recebe à noite uma visita dos anjos que irão executá-lo, e estes o levam ao clímax, a um instante epifânico de reflexão de sua própria ruína. O mesmo poema ainda coloca a imagem da noite para além de um fenômeno astronômico a partir do questionamento do eu lírico “Com que alarde deixais minhas ruínas, como fulgem vossos olhos na noite de vós mesmos” (AYALA, 1957, p. 32), admitindo também a presença metafórica de uma escuridão dentro de cada pessoa o que reforça a possibilidade da efetivação da epifania, pois a mesma, como já dito, faz-se conforme o papel ativo da mente de cada pessoa.

Com uma repetição também significativa, há nos poemas uma constante referência a elementos da imagem de claridade, como o sol, também presente no poema “O túnel”, o que é uma relação naturalmente construída, já que a própria noite é formada pela ausência da luz do sol. Dessa forma, Walmir Ayala constrói nos poemas do livro um constante jogo de oposições:

escuridão- claridade

noite- dia

morte- vida

Tanto a comparação quanto a transição do escuro para o claro resultam em uma contemplação apurada do que está ao redor da voz poética ou de sua própria situação, gerando, desse modo, a epifania. É importante também ressaltar um aspecto das imagens poéticas

destacadas na Tabela 2, que é a repetição de signos ligados ao religioso. Imagens como anjos, clarim, elevação e a própria claridade já citada remetem ao sagrado, berço do conceito de epifania, assim é relevante pontuar seu uso, pois dão indícios da presença do conceito nos poemas de Ayala. E por fim, a rosa, elemento que se repete duas vezes em poemas distintos, coloca-se como elemento do cotidiano que causa as irrupções epifânicas.

Foram escolhidos dois poemas do livro *Este sorrir, a morte*, “O túnel” e “Janela”, para ser realizada um análise mais específica por acreditar que estes esboçam bem de que forma se constrói a epifania na poesia de Ayala.

O túnel

Penetro o túnel.

As crianças brincaram aqui, mas eu contemplo
as paredes unidas em arco.

O vazio é como o seio da maçã, algo uniforme,
impossível de florir o sangue, ausência de cardo e de poeira,
o limpo túnel.

Porque não estão limpas assim as pernas dos leprosos
e as explodidas crianças do cimento e do abandono?

Um pássaro se esbate em mim e morre em lágrima,
a uniforme parede, quase espelho, fecha-se como um sarcófago,
e me integro nesta morte de céus de aço,
diluindo a memória...

É quando o espanto do sol recebe meu corpo jogado à saída do túnel,
e salto como um fruto maduro ante a boca da vida!

O poema apresentado possui versos livres, sem uso de rimas e de metrficação regular, o que é comum da poesia da segunda metade do século XX no Brasil. No poema, o eu lírico atravessa um túnel e essa ação cotidiana lhe provoca mudanças. Inicialmente, cabe a esta

análise refletir sobre o objeto epifanizador, que seria o próprio túnel, este é uma estrutura subterrânea que permite a passagem para um determinado local; durante o cruzamento pelo túnel o indivíduo é impedido, pela estrutura do mesmo, de ver a luz. Assim, o próprio túnel, em sua função comum, leva aquele que passa por ele do escuro à luz. Dessa forma, a antítese “escuridão e claridade” ocorre fisicamente e poeticamente, pois, além da passagem natural que o túnel permite para a luz, há também uma metáfora de que a luz alcançada no final do poema, após a travessia do túnel, muda o eu lírico, tornando-o uma pessoa mais madura, um “fruto maduro ante a boca da vida”.

Tal passagem leva a uma epifania por meio de uma sequência de etapas semelhantes ao descrito por Joyce nos fragmentos restantes de *Stephen Hero*, a integridade, harmonia e radiância que proporcionam a epifania. Primeiramente, o eu lírico percebe o túnel como um todo no momento que entra nele, no verso inicial “penetro o túnel” é destacada a posição dele de fora do túnel no início, este processo seria a integridade; depois ele começa a destacar no poema os detalhes da estrutura e características desse túnel como em “as paredes unidas em arco”, este seria o processo de harmonia acontecendo; e por fim este eu lírico, após pensar em sua morte, vive um processo em que a alma do túnel se revela, penetrando em seu pensamento e “diluindo a memória”, esta é a radiância ocorrendo. Diante dessas etapas a epifania se edifica, no momento que o pensamento do eu lírico é tomado diante da essência do túnel ela ocorre, causando amadurecimento à voz poética que percebe isso quando o “espanto do sol” toca seu corpo. Um exemplo de situação que o eu lírico toma conta durante o processo da epifania é sobre a situação dos leprosos e das crianças abandonadas, depois de notar a limpeza do túnel ele questiona a situação destes: “Porque não estão limpas assim as pernas dos leprosos e as explodidas crianças do cimento e do abandono”. Além desse olhar para o mundo que a epifania leva, o eu lírico também olha para si ao descrever a parede uniforme do túnel como um “quase espelho”.

Além da semelhança com um espelho, as paredes fechadas do túnel são enxergadas pelo eu lírico como um sarcófago, túmulo feito de metais muito usado na antiguidade, nesta associação há novamente a presença de uma antítese entre morte (metáfora para a escuridão do túnel) e a vida (claridade que se encontra fora do túnel). Considerando essa antítese, o eu lírico teria passado da morte à vida nessa travessia do túnel, este movimento solidifica uma hipótese de que o momento extremo que é uma quase “morte” pode levar à epifania. Para entender melhor a relação com a morte, é importante explorar o poema “Janela”:

Janela

Urge acrescentar
a superposição de olhos aos meus olhos
para a visão.

Um anjo morto larga asas ao mar...
A santa imensa vela, de costas para mim,
o silêncio que pesa sobre o azul e a distância.

A austeridade do que ficou atrás é um corredor,
e o abismo
entra-me pelos olhos, aumenta-me as pupilas,
e o meu peito dilata.

O anjo morto abre as pálpebras para mim, está triste...
Vou recolher seu suspiro na fumaça do vapor cujo destino desconheço,
vou dobrar seu vestido lavado sobre a face dos litorais guarnecidos de muros.

Respiro fundo o ar... a morte do anjo penetra-me a alma,
fico triste também.

Estou chegando ao cais, o mundo
é todo um cais aos meus pés,
como estou alto!

Virou-se o anjo morto para outro milênio de sono,
e não me resta mais que um segundo de contemplação...

Neste poema, também composto por versos livres, sem uso de rimas e de metrificação regular, o tema principal é a morte do anjo que acaba por despertar no eu lírico um instante contemplativo. Na primeira estrofe, que precede o momento epifânico, os olhos são uma imagem destacada e a voz poética afirma a urgência em “acrescentar a superposição de olhos aos meus olhos para a visão”, a partir dessa exigência surge um questionamento: qual a

necessidade de sobrepor outros olhos àqueles já existentes? Da mesma forma que uns óculos, seria possível enxergar melhor através desta superposição. Tal superposição antecede a epifania, relacionando-se mais uma vez ao pensamento de Joyce, de que esses olhos sobrepostos sejam olhos espirituais.

Na segunda estrofe do poema surge a figura central: o anjo morto. O anjo é uma figura celestial que, conforme as religiões judaico-cristãs, seria um elo que ligaria Deus aos homens. Sua presença e, ainda mais, sua morte causam um impacto no eu lírico que começa a passar pelo processo da epifania, colaborado pelo silêncio que se espalha pelo mar que, como já dito anteriormente, auxilia na reflexão. Cabe destacar que o objeto epifânico deste poema, o anjo morto, pertence ao plano do irreal, diferente do túnel anteriormente apresentado. Logo, é possível cogitar que, além da epifania ocorrida após o encontro com o anjo, a própria visão do anjo já em si poderia ser uma epifania.

Após o encontro com o anjo morto as mudanças já começam a ocorrer no eu lírico, que abandona a austeridade e à sua frente vê o novo, o inexplorado “o abismo entra-me pelos olhos, aumenta-me as pupilas, e o meu peito dilata”. Em seguida este eu lírico se conecta com o anjo, dividindo a tristeza dele consigo, e nesse movimento ocorre uma percepção mais detalhada do anjo que havia apenas sido citado no início, é comentado sobre seu olhar triste, seu suspiro e sua roupa. Novamente, há a presença das etapas descritas em *Stephen Hero* também presentes no poema “O túnel”; a integridade se faz em “Um anjo morto larga asas ao mar” em que esse anjo é visto como um todo, mas não é descrito; e a harmonia ocorre na 4ª estrofe do poema em que suas características são um pouco melhor descritas e percebidas pelos olhos que veem o anjo; e a radiância acontece quando a tristeza e a morte do anjo penetram a alma do eu lírico. Quando a essência do anjo se desprende e alcança aquele que o observa a epifania é consumada, na 5ª estrofe, em que é descrito o sentimento de elevação causado, que é comparado à imagem de um cais, uma elevação de terra que permite o embarque e desembarque pela água, e o eu lírico exclama diante desse instante “como estou alto!”. Assim, o que resta ao eu lírico é um segundo de contemplação diante da efemeridade da epifania. É importante também destacar que mesmo o anjo sendo uma figura comumente religiosa, a ascensão ocorrida por meio dele não é do campo da religião, pois é utilizada uma metáfora cotidiana, o cais, para se construir a elevação.

Além disso, nos versos do poema, a palavra “Janela” não é citada, mas foi escolhida pelo autor como título do poema, o que merece uma atenção especial já que foi colocada em lugar de destaque. A janela é uma estrutura que permite a entrada de luz e pelo seu caráter fixo ela também focaliza o olhar daquele que a vê para um ponto constante de visão, assim, no

contexto do poema, é inevitável não perceber a janela como um instrumento epifânico já que ela conduz aquele que observa a contemplar um objeto em seu foco, dessa forma, iniciando o processo já descrito de realização epifânica. Portanto, a janela funciona como a superposição de olhos citada no início do poema, porque auxilia na focalização da visão, tornando-a mais sensível.

Nas poesias examinadas a epifania alcança um ponto em comum: tornar especial algo considerado usual. Esta ideia se encontra em consonância com o pensamento do teórico Victor Chklóvski sobre a arte:

O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já “passado” não importa para a arte (CHKLÓVSKI, 1976, p. 45).

Entendendo a arte desta forma, a epifania colabora com o objetivo desta, pois funciona como um mecanismo que ajuda na liberação do automatismo dos objetos a partir de um processo de singularização contemplativa em que, no instante epifânico, há um olhar único sobre o observado. E o conceito de epifania na poesia de Ayala corrobora com esta ideia na medida em que transforma objetos comuns como um túnel, uma rosa (no poema “Numa rosa”), a noite (em “Noite em Santa Teresa”) e um desenho (em “A pena”) em extraordinário. E até “objetos” não tão reais como a morte e anjos saem do imaginário inconsciente que possuem popularmente para adquirirem um caráter único, graças à epifania. Essa transformação reforça a ideia de que as impressões nunca são as mesmas sobre os objetos existindo sempre um novo olhar, como ressaltado pelo próprio Ayala no poema final da obra *Este sorrir, a morte*:

A volta

Nunca a mesma ilha.
A volta, sim,
mas não a mesma pedra,
nem o mesmo passeio e a mesma morte...

Considerações finais

Como conclusão para o trabalho desenvolvido, primeiramente, acredita-se no caráter transformador do estudo da obra de Walmir Ayala como forma de colocá-lo em posição de destaque diante da sua contribuição para a literatura brasileira. Assim, espera-se que tal estudo contribua, proporcionando maior visibilidade e auxiliando outros pesquisadores que venham a se aprofundar no vasto trabalho de Ayala, afinal, ainda há muito o que explorar dentre os vários gêneros que ele produziu.

No que diz respeito ao tema da epifania, foi feita uma pesquisa detalhada em torno do conceito do termo, buscando captar as mais diversas fontes existentes que buscaram conceituá-lo de forma a ser possível entender sua dinâmica para traçar as imagens que se correlacionam a ela. Ademais, tal estudo do conceito só ajuda a comprovar como a epifania está presente na poesia de Ayala, tanto no livro *Este sorrir, a morte* quanto em outros como *Face dispersa* (1955) e *Cantata* (1966), que merecem um estudo futuro no que diz respeito à mesma. Em seu estudo sobre o Deus carnal na escrita de Ayala, Luís Carlos S. Branco opina sobre a poesia do poeta:

É também detectável na sua poesia uma espécie de superação do tempo e das suas inexoráveis crueldades, através da exaltação da mundanidade e da celebração ritualística do instante [...] A sua arte poética consigna uma apologia do efêmero, entendido como algo precioso e de natureza transfiguradora. A transcendência reside aí (BRANCO, 2020, p. 67).

Tal momento efêmero e transformador é a própria epifania utilizada pelo autor como mecanismo de reação ao mundo cotidiano. Da mesma forma que Branco, acredita-se na presença do elemento transcendente na poesia de Ayala, aqui colocado como a epifania, e este estudo conseguiu elencar algumas das imagens mais usadas por ele na construção de sua epifania. Através da análise estilística, apurando a recorrência das imagens dos poemas epifânicos do livro *Este sorrir, a morte* encontrou-se uma frequência dos seguintes elementos: morte, olhos, silêncio, escuridão, noite, sol, rosa, ausência e anjo. Tais elementos se unem ao conceito de epifania genericamente pelo caráter de possibilitarem de alguma forma o instante da reflexão transcendental. A partir deste campo traçado é possível entender melhor que a epifania na poesia de Ayala busca trazer um novo olhar para as coisas e tais elementos ordenados auxiliam a criar a atmosfera para tal visão. Um exemplo disso, é a morte, uma figura recorrente nas poesias do livro, que é vista por Ayala de uma forma que escapa ao

comum, pois ela é uma condição extrema que ajuda a gerar a epifania e refletir sobre seu oposto, a vida.

Portanto, a epifania na poesia de Walmir Ayala não é construída através do trabalho com o vocábulo em si, tal como faz James Joyce ou Adélia Prado, mas através de imagens e ideias que ganham um novo olhar, além do banal, mesmo que efemeramente. Assim, ela funciona como instrumento de saída do automatismo do cotidiano sem necessariamente caminhar para um desfecho positivo. Ademais, há um campo semântico constante para epifania e, mesmo que ela não seja diretamente citada por Walmir Ayala, sem dúvidas, é um elemento que influencia sua poesia, sendo importante para a análise de seus poemas.

Referências

ALONSO, Dámaso. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v 1.

AYALA, Walmir. *Êste sorrir, a morte*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1957.

BÍBLIA. Português. Tradução da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil(CNBB). São Paulo: Editora Canção Nova, 10º edição: 2010.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRANCO, Luís Carlos S.. *O deus carnal de Walmir Ayala*. Fórum Lit. Bras. Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 12, nº 23, pp. 63-80, jun. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. "A obra de arte aberta". In: *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Duas cidades, 1975, p. 30-33.

CARDOSO, Miguel. s.v. "Epifania", E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epifania/>> , 2009. Consultado em 11 de outubro de 2021.

CEIA, Carlos. s.v. "Estilística", E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/estilistica/>> , 2009. Consultado em 06 de novembro de 2021.

CHKLÓVSKI, Victor. “A arte como procedimento”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da Literatura: Formalistas Russos* (3ª ed.). Porto Alegre: Editora Globo, 1976, p. 39-56.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. *Luto e escrita no diário de Walmir Ayala*. VEREDAS. REVISTA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS , v. 29, p. 79-94, 2018.

GOLDSTEIN. *Versos, sons, ritmos*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LIMA, Paulo Eduardo Pereira. *A retórica católica e o homoerotismo em Um animal de Deus, de Walmir Ayala*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12º ed. rev. e ampl.. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

PAIXÃO, Roseane Cristina da. *Quando a arte imita a vida: ficção e memória nos diários de Lucio Cardoso e Walmir Ayala*. Dissertação de Mestrado. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2011.

PAULA, Maria do Carmo Lara de. *O percurso da epifania na poética de Adélia Prado*. Revista Em Tese. Belo Horizonte, v. 8, p. 153-162, dez. 2004.

PAZ FILHO, Luis Alberto dos Santos. *Walmir Ayala: a história, a crítica e o ofício das letras*. Palimpsesto, Rio de Janeiro, v. 20, n. 35, p. 564-577, jan.-abr. 2021.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Editora da PUC-São Paulo, 1979.

SPITZER, Léo. A “Ode sobre uma urna grega” ou conteúdo *versus* metagramática. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da Literatura em Suas Fontes*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v 1.